



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



ANO 10

MAI07 JUNHO 89

N^{os} 113/114

Escrevem os leitores

"...Este magnífico jornal - "O Desbravador" - beneficia extraordinariamente a toda minha família e amigos. Que Nosso Senhor lhes valha centuplicadamente. Envio uma contribuição..."

REINALDO CARNEVALE
SANTA CRUZ DO RIO PARDO - SP

"...Estou recebendo este magnífico jornal há alguns anos, e confesso que ele me devolveu a exata dimensão do que é o verdadeiro catolicismo. Sua mensagem curta e concisa muito agrada o amante da verdade. Estou lhes escrevendo porque desejo receber este jornal em meu novo endereço...Vai também junto desta carta um comprovante de contribuição..."

LUIZ MARICATO FILHO
SÃO PAULO - SP

"...Estou gostando de receber em minha casa estes maravilhosos jornaizinhos...são ótimos, falam coisas muito interessantes e verdadeiras, coisas religiosas..."

MARIA CRISTINA AZEVEDO DE FARIA
CAMPOS - RJ



"...Venho, por meio desta, agradecer-lhes por todos os exemplares deste jornal, que venho recebendo desde o número 50, até o atual que recebi hoje, os números 111/112. Confesso-lhes que não li todos ainda, pois o tempo é pouco para mim, mas vou lendo na medida do possível. É muito bom ter um jornal como este em tempos tão difíceis como o que estamos presenciando com a total descrença das pessoas nas coisas e valores espirituais..."

ÉRICO NUNES FERREIRA
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

DIRETOR:

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
JOSE HENRIQUE DO CARMO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSE DE MATOS
LIA MAURA DE FREITAS
ELIAS BARBOSA DOS SANTOS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

REINALDO R. DOS SANTOS
LEDIONILSON A DO NASCIMENTO
RONILSON VERÍSSIMO
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PAULO HENRIQUE SALLES
VICENTE WALTIER S. MACHADO
PATRÍCIA MIDÕES

EXPEDIÇÃO

ROMILSON CHAVES SILVA
WALADIER NERI S. MACHADO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
RENATO VERÍSSIMO
ROGERIO VERÍSSIMO
LUIZ AKIO YASUTAKE
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
LECIONETE AMORIM DO NASCIMENTO
MARCOS PAULO DINIZ

CAIXA POSTAL - 6416
01051 - SÃO PAULO - SP

Editorial

Estamos vivendo momentos em que parece que os homens dormem um sono profundo e letárgico.

O mal vai se espalhando de forma assustadora e poucos procuram combatê-lo. As almas estão se perdendo e pouquíssimos fazem algo para salvá-las. Proliferam as seitas, diminui a piedade, cresce a superstição e quase não há quem brade contra esse terrível estado de coisas.

Para os males do mundo, busca-se um sem número de soluções, mas não se quer erradicar a raiz profunda do mal que é a ausência de Deus, que foi tirado, pelos homens, de suas vidas.

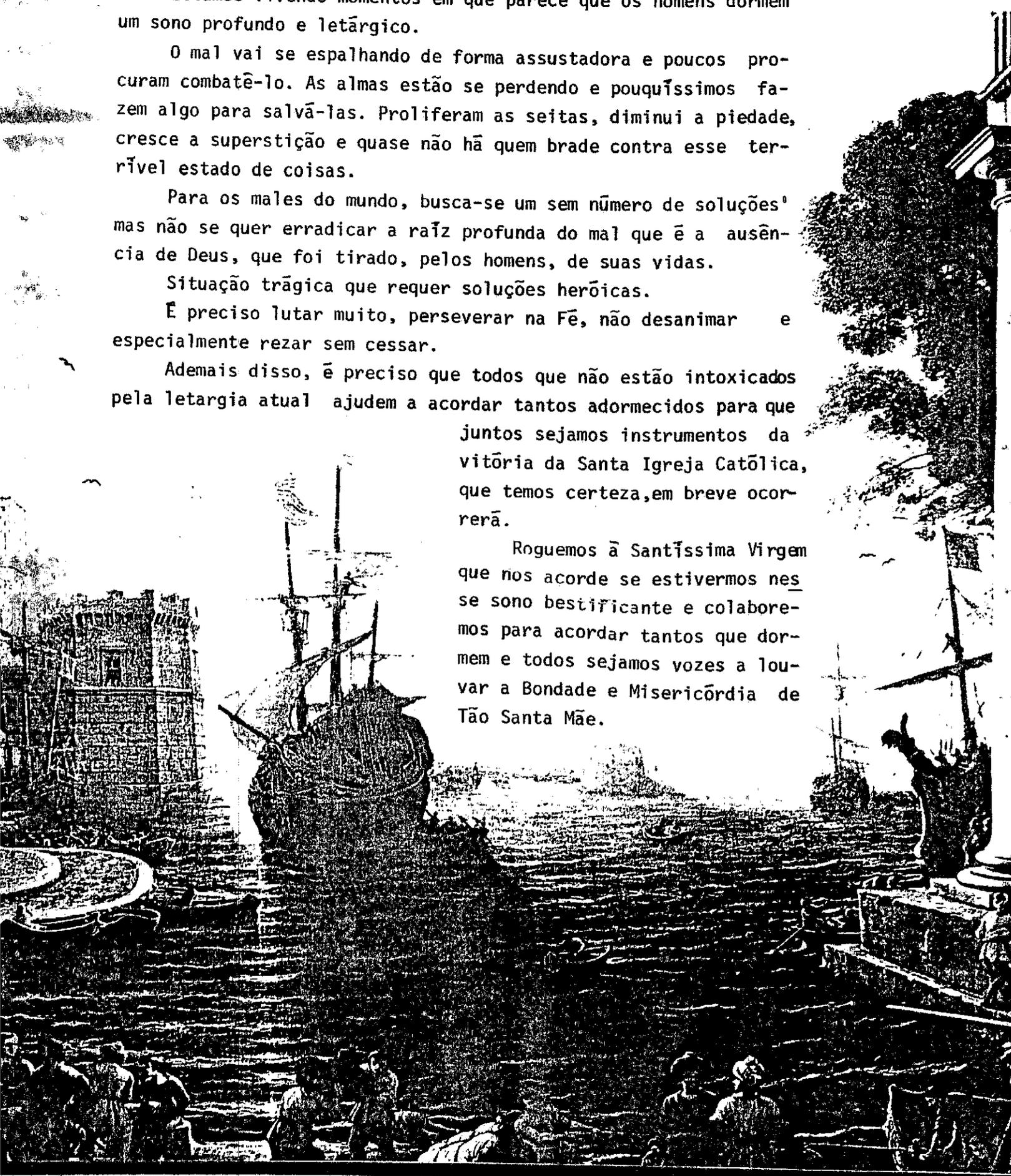
Situação trágica que requer soluções heróicas.

É preciso lutar muito, perseverar na Fé, não desanimar e especialmente rezar sem cessar.

Ademais disso, é preciso que todos que não estão intoxicados pela letargia atual ajudem a acordar tantos adormecidos para que

juntos sejamos instrumentos da vitória da Santa Igreja Católica, que temos certeza, em breve ocorrerá.

Roguemos à Santíssima Virgem que nos acorde se estivermos nesse sono bestificante e colaboremos para acordar tantos que dormem e todos sejamos vozes a louvar a Bondade e Misericórdia de Tão Santa Mãe.



"SÔ PODEMOS SER AMADOS PELO MUNDO, SE ODIARMOS A CRISTO"
(São João Crisóstomo)



Lembra-te, ó homem, que és pó e a pó volverás. Sim, pensa bem!

1) *Tu morrerás.* Cada ano morrem cerca de 45 milhões de pessoas. cada dia 144 mil, cada minuto 100; isto quer dizer que cada vez que respiramos, quatro almas vão para o céu ou para o inferno. Coisa formidável!

Tu também morrerás. A sentença está dada e irrevogavelmente. Foge quanto quiseres de todo perigo, usa os alimentos mais sãos, procura o clima mais sadio, consulta os facultativos mais hábeis: não escaparás.

2) *Que é morrer?* É abandonar tudo: bens, honras, prazeres, parentes, amigos. Estás apegado às criaturas? A morte te arranca tudo, pedaço por pedaço, tudo, até a roupa do corpo. Morrer é mais que abandonar tudo; é ser abandonado. O corpo, feito cadáver, (palavra que quer dizer "carne dada aos vermes" CARO DATA VERMIBUS) será atrado ao fundo de uma cova. Morrer é principalmente comparecer diante do tribunal de Deus, para prestar contas de toda a vida, e ser julgado digno ou de ódio ou de amor eterno.

OS DADOS ESTATÍSTICOS DO PRESENTE ARTIGO NÃO ESTÃO ATUALIZADOS. ELES TEM MAIS DE VINTE ANOS. O PRESENTE ARTIGO É TIRADO DO LIVRO "A CONTRIÇÃO PERFEITA"

3) *Quando morrerás?* Ainda um pouco de tempo e a morte te surpreenderá como um ladrão, quando menos esperares. Ainda um pouco de tempo, e passará a possibilidade de te arrependeres e de fazeres penitência.

4) *A morte fixará a tua sorte eterna* no céu ou no inferno, pois, não há outro lugar para onde ir. Pecador, não te iludas: passar a vida no pecado mortal e esperar converter-te na hora da morte, só é possível com um milagre da misericórdia de Deus. Em geral, o homem morre como vive; a árvore cai o para o lado para o qual pende enquanto está viva. O homem colhe na morte o que semeia durante a vida. Quem semeia o pecado durante toda a vida, na hora da morte colherá o fruto do pecado: uma morte péssima, diz a Sag. Escritura.

Prepara-te, pois, para a morte; ou melhor, está sempre pronto para morrer, vivendo na graça de Deus

Fujamos do pecado mortal como se fuge à vista de uma cobra, conforme fala o Espírito Santo. E se — ou por fraqueza da carne, ou pela sedução do mundo, ou pela perseguição do demônio — suceder cairmos em falta grave, quanto antes procuremos o perdão no tribunal da penitência.

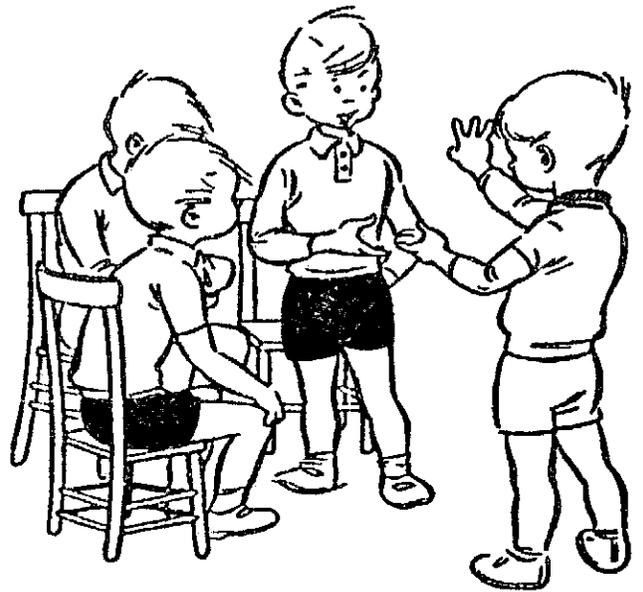
O Terço de São João Ogilvie

A 10 de março de 1615, em Glasgow, o ilustre missionário jesuíta, São João Ogilvie, subia ao cadafalso. Ia expiar com o suplício da forca, o "crime" de ter pregado o Evangelho.

Nessa hora suprema, de pé, em cima do estrado donde dominava vários milhares de espectadores, querendo deixar-lhes uma lembrança e, simultaneamente, um penhor daquela fé por que se sentia feliz em morrer, pegou no único objeto que lhe restava, um terço, e arremessou-o com força para o meio da multidão. Ora, aconteceu que o terço foi bater em cheio no peito de um rapaz húngaro, calvinista, João de Heckersdorff, que fazia viagens de estudo e recreio e nesse dia se encontrava casualmente em Glasgow. Ele ficou profundamente emocionado. A lembrança daquele terço perseguiu-o em toda parte, até o dia em que abjurou a heresia em Roma, aos pés do Santo Padre. Disse inúmeras vezes, até morrer, que atribuía ao terço a sua conversão.

Chamavam-se Pierre, Petrowski, Petersen e Prisco. Todos tinham treze anos de idade, e todos eram órfãos de pai e mãe. Conheceram-se no interior do colégio onde haviam sido admitidos por caridade, e imediatamente se juntaram na mais sólida, irrestrita e calamitosa camaradagem. Onde estava um, era certo que estavam os outros também, e era igualmente certo que faziam algo de catatônico, terminantemente proibido pelos regulamentos.

Eles se autodenominavam "Os Quatro Pês", mas o resto do colégio os chamava de "Os Quatro Pestes", e com razão. Todos os dias chegava ao padre diretor um rosário de queixas, relatando as últimas atrocidades do terrível grupo: o professor de francês encontrara um sapo vivo dentro de sua gaveta; o médico do colégio pensou ter enlouquecido, até descobrir que havia um besouro dentro do seu estetoscópio; a dentadura do professor de química foi polvilhada com pimenta; o cozinheiro percebera (tarde demais) que o açúcar fora trocado pelo sal; e assim por diante, sempre, sem nunca parar. seguramente, "Os Quatro Pês" de há muito tempo já teriam sido expulsos, se a indulgência do padre diretor fosse menor, ou, principalmente, se ele não gostasse tanto de música. Mas como bom vienense, o Padre Wagner extasiava-se com corais infantis, e "Os Quatro Pês" cantavam de modo extraordinário, magnífico, sublime, encantador. Comparado a eles o coral do colégio parecia, segundo o comentário desdenhoso de Prisco, "um bando de sapos com dor de garganta". Sem dúvida, o Padre Wagner tinha por que se encantar.

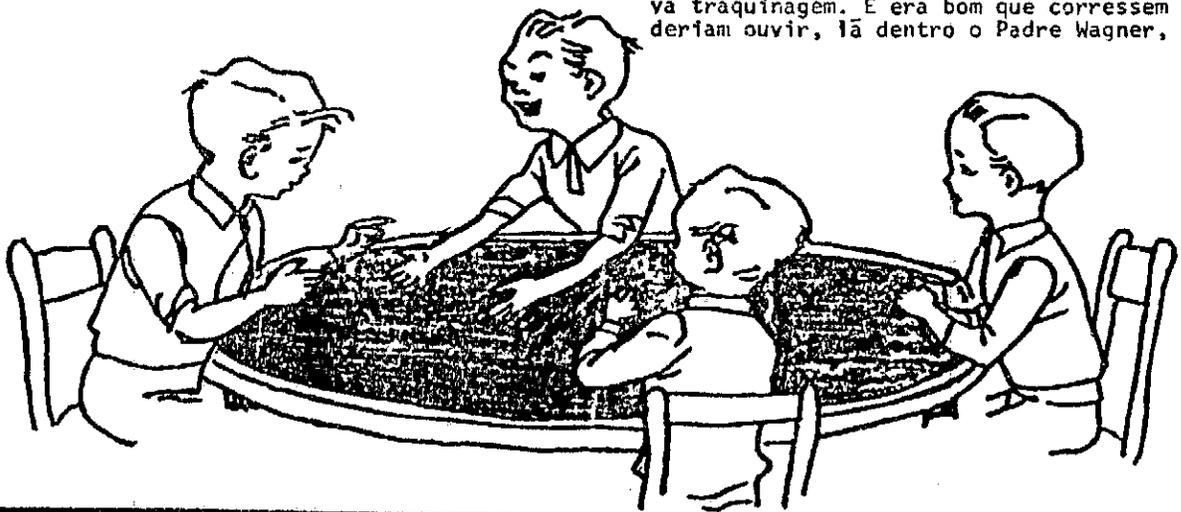


E claro que "Os Quatro Pês" sabiam desse encanto, e é óbvio que tirassem daí o máximo proveito que podiam. Assim, quando algum mestre particularmente indignado os levava até a diretoria, já no caminho eles combinavam em cochichos a tática a seguir. Lá chegando, enquanto o professor apresentava ao Padre Wagner as suas queixas, os quatro na sala de espera, principiavam a cantar uma bela música austríaca: os "contos dos bosques de Viena", por exemplo, ou "O Danúbio Azul".

Ora, nós sabemos que não há sangue vienense que se mantenha indiferente a uma valsa de Strauss. E então de se espantar que o coração do Padre Wagner começasse a amolecer, e que seus ouvidos, tendo que escolher entre uma queixa seca e desafinada, e aquela harmonia encantadora, acabasse ficando com o melhor? O mestre falava, argumentava, se enfurecia ... mas o Padre Wagner estava apenas ouvindo a música que vinha da outra sala, tão perfeita, tão evocativa, tão vienense ...

Ao final o Padre Wagner, depois de prometer ao mestre "providências concretas", chamava à sua presença os quatro malandros, e com o olhar mais severo do mundo, os advertia: "aquela seria a última vez! Que aquilo não se repetisse!" Os quatro enfileirados em frente à mesa, de olhos baixos e mãos para trás, eram a própria imagem do remorso, do arrependimento, da compunção... sim, eles seriam bonzinhos e comportados ... O Padre Wagner podia confiar neles ... eles estavam arrependidos, e iriam melhorar ..." e o diretor, ainda fingindo severidade, os despedia. Mal se viu do outro lado da porta, os quatro se abraçavam entre risadas e corriam a planejar uma nova traquinagem. E era bom que corressesem porque senão poderiam ouvir, lá dentro o Padre Wagner, que ria também.

OS QUATRO PÊS...TES



"HOMEM ALGUM CAI TÃO FUNDO QUE NUNCA MAIS POSSA SE LEVANTAR"

Infelizmente, depois de um ano, esses risos já não se ouviam mais. Aquilo que nos quatro era apenas traquinagem, havia se transformado em vício, e o vício nunca sorri. Andavam agora furtivamente pelas sombras dos corredores, conversando em voz baixa e lançando olhares suspeitosos em derredor. E quando riam, era com uma gargalhada sinistra e debochada, que faria um rapaz honesto corar. Haviam abandonado o coro, e agora quando cantavam, eram canções apenas sussurradas, que o mesmo riso sinistro e debochado vinha intercalar.

Da janela da diretoria o Padre Wagner frequentemente os observava nessas andanças, e, é claro, já não sorria também. Porque agora não os expulsava, o diretor? Era a pergunta que muitos se faziam. Mas o padre tinha suas razões ...



Mês de maio, mês de Maria. E naquele ano, o mês de maio foi ocasião de um programa especial. Já no fim de abril, quando do encerramento do retiro mensal de preparação para a boa morte (pois naquele tempo se encarava a sério o fato de que um dia todos nós morreremos e seremos julgados por Deus), já em fins de abril, repetidos, o Padre Wagner dirigindo-se a todos reunidos, lhes mostrou um presente que o colégio acabara de receber: uma magnífica imagem de Nossa Senhora de Fátima, destinada ao altar mór da capela. Uma bela cerimônia de coroação e entronização da imagem já estava preparada para o dia 31 de maio, festa de Nossa Senhora Rainha, até mesmo a coroa, toda de ouro, eles já possuíam. Mas faltava algo: no corpo da coroa havia centenas de encaixes vazios onde deveriam ser colocadas pequeninas pedras preciosas que por enquanto ainda não existiam.

Depois de contar isso, o diretor mostrou o quadro contendo um grande desenho de como seria a coroa com todas as pedras no lugar. Havia, disse ele, encaixes para 576 pedras preciosas, de todas as cores. Ora, "por singular coincidência" (o Padre Wagner não era bobo...), o número de alunos do colégio era exatamente 576. Assim, se cada menino desse a Nossa Senhora uma pedrinha, a coroa ficaria completa...

Mas — dizia o Padre Wagner — essa pedra, para ser digna de Nossa Senhora, deveria ser o símbolo de uma melhora na vida espiritual. Dessa forma, ele pedia que todos se comprometessem a um sério exame dos próprios feitos e a um firme propósito de emenda. Depois com o sacrifício de alguns pequenos trabalhos extras feitos durante o mês, cada um conseguiria o necessário para oferecer a sua pequena pedra preciosa, símbolo de sua melhora espiritual.

Não há dúvida de que o Padre Wagner sabia como fazer as coisas. A explicação terminou em meio a um entusiasmo geral. Um menino foi ao quadro e escreveu seu nome sobre uma das pedras do desenho, dizendo em voz alta: "este lugar eu me comprometo a preencher". Os outros entusiasmados se atropelaram em o imitar, e depois de algum tempo todas as pedras do quadro estavam cobertas com assinaturas. Todas não. No alto da coroa havia o desenho de quatro grandes pedras, que deveriam formar a cruz. Essas, por serem bem maiores, ninguém ousara assumir o encargo de adquirir e lá no fundo da sala "Os Quatro Pês" continuavam sentados, com um riso cínico nos lábios, a olhar.

O Padre Wagner entendeu o que aquela atitude queria dizer e não insistiu. Dirigindo-se a todos, ele disse: "vamos rezar uma Ave-Maria para que no dia 31 a coroa de Nossa Senhora esteja completa". E logo depois encerrou.

Nunca se viu tanta azafama dentro do colégio, como durante aquele mês. Nenhum dos meninos era rico, que pudesse recorrer a suas economias, ou a seus pais. E nem sequer pensavam nisso, pois era uma questão de honra que "a pedrinha de Nossa Senhora" deveria ser comprada com o próprio trabalho. Cada um se arranjava como podia: este vendia ferro velho, aquele outro jornais. Formou-se uma equipe de engraxates, e um grupo de jardineiros ambulantes. Os mais fortes no estudo ajudavam os mais fracos, para que a esses sobrasse tempo para trabalhar. E as pedrinhas foram surgindo. A primeira, uma ametista, foi incrustada em seu lugar no dia 15 (foi uma festa. Três outras surgiram no dia 16, uma dezena no dia 17 ... Finalmente, na noite do dia 30, um esbafo rido menininho do primeiro ano trouxe correndo e triunfante a pedra de número 572. A coroa, toda reluzente, estava completa. É claro que faltavam as quatro pedras grandes que deveriam formar a cruz, mas nessas quatro os meninos preferiam não pensar ...





Naquela noite "Os Quatro Pês" estavam mais sombrios e sinistros do que nunca. Desde o início do mês eles haviam debochado dos que trabalhavam, "bobos que não percebiam que o Padre Wagner é quem ficaria com o dinheiro". Mas ninguém lhes dera atenção. Então, eles tentaram espalhar o desânimo, afirmando que era impossível conseguir tantas pedras, em tão pouco tempo. Mas de novo ninguém lhes deu ouvidos. E agora, apesar deles, a coroa estava lá, completa e brilhante, altaneira em sua almofada de veludo vermelho, sobre as brancas toalhas do altar! E amanhã, depois da missa, quando a coroa fosse finalmente colocada sobre a frente de Nossa Senhora, então a derrota deles seria completa, e todo o colégio os iria escarnecer! Para evitar essa suprema humilhação "Os Quatro Pês" resolveram fugir. Naquela mesma noite eles pulariam a janela do dormitório, em seguida, a grade do portão ... seria sopa! Mas, e depois? Eles não tinham casa para onde pudessem ir, e não gostavam de trabalhar ... com que dinheiro iriam viver?

A coroa! Foi Petrowski quem teve a idéia, e afobadamente a passou aos demais. Roubariam a coroa! Ah, não fim, eles sim é que iriam rir melhor! Aqueles bocões haviam passado o mês inteiro trabalhando, e agora eram eles quem iriam lucrar! No dia seguinte eles estariam longe, divertindo-se e comendo do bom e do melhor, enquanto todo o resto do colégio estaria frustrado! "Os Quatro Pês" venceriam de novo, e com um golpe monumental! E entre tapinhas nas costas eles riam, e nem se preocuparam ao ver o Padre Wagner trancar a porta da capela, pouco antes da hora de dormir. Ora ... eles bem sabiam como entrar lá ...

Tarde da noite. No interior empoeirado e sinistro do sótão do colégio, Petersen acendeu uma vela, afastando um pouco a escuridão. Pierre fechou o alçapão por onde haviam entrado, e os quatro, formando em fila indiana, começaram a caminhar. Lá fora rugia uma tempestade, e às vezes o ribombo de um trovão sacudia as madeiras do teto, e os fazia tremer. Por três vezes o vento penetrando pelas frestas do telhado apagava a vela, obrigando-os a parar. Mas depois eles prosseguiram. Sujos de pó,

esfolados pelas farpas do madeirame, eles agora avançavam de rastros, porque a inclinação do telhado os forçava a abaixar. E assim chegaram aos vidros de uma clarabóia, na parte mais alta do teto da capela. Lá em cima, Petersen percebeu que o cordão era curto, e que faltava ainda um metro de distância para o gancho percorrer, seria preciso curvar-se um pouco ... pediu então aos outros que o segurassem pelos tornozelos, e deitando-se de com prido passou a cabeça e o busto pela abertura, curvando-se mais e mais. A fivela de sua cinta prendera-se à abertura da clarabóia e o incomodava ... faltavam 30 centímetros ... 20 ... 10...

O estrondo imenso de um trovão ecoou por todas partes do colégio. Simultaneamente, um relâmpago fez com que toda capela se iluminasse, inundando de luz todos vitrais. Lá fora, o vento uivante redobrou a sua fúria. A coroa estava fisgada. Num instante os quatro a içaram agarrando-a freneticamente com as mãos sujas de poeira e de suor. E em meio ao rugido dos trovões e ao silvar daventania, soltaram uma enorme gargalhada de satisfação. Eles haviam vencido! Agora, só restava fugir.

Estavam na metade do caminho de volta ao alçapão, quando a vela novamente se apagou. Mas dessa vez, não se encontraram os fósforos para a reascender. Afrito, Petersen lembrou-se de que a caixa estava no bolso superior de sua jaqueta. Certamente caíra quando ele se inclinou na clarabóia ... agora era preciso ir assim mesmo. E dando-se as mãos, os quatro prosseguiram tateando em meio a mais absoluta escuridão. Mas o sótão era muito grande. Para que lado ir? Onde estaria aquele maldito alçapão?

Foi Prisco que primeiro descobriu a claridade. Era um fio de luz que vinha de baixo, e atravessava reticulado o espaço empoeirado do sótão. O alçapão! atropelando-se uns aos outros, os quatro correram para lá. Não era o alçapão, mas apenas um pequeno orifício no ferro de um dos quartos que havia embaixo. E era a lâmpada acesa no quarto que produzia lá em cima aquele raio de luz. Quem estaria acordado naquela hora, e fazendo o quê? Resolveram abaixar-se e espiar. A um canto viram uma cama de ferro que naquela hora, ainda estava arrumada. Uma cadeira sem estofado, um soalho comum. Sobre a cômoda havia uma bela imagem de Nossa Senhora. E de joelhos, em frente a essa imagem, e tendo na mão uma disciplina ensanguentada, estava o Padre Wagner rezando com os braços abertos em cruz. Metodicamente a disciplina manejada com pulso forte caía sobre as espaldas cobertas de vergões roxos e avermelhados, e onde o sangue começava a brotar. E em seguida se ouvia sua voz clara e serena que endereçava à Virgem uma súplica, mas à maneira de alguém acostumado a mandar:





— Padre Wagner, nós queremos nos confessar.
Ah, aquela foi realmente uma bela festa de coroação! Pena que hoje em dia essas festas já não se fazem mais! Como estava imponente aquele grupo de meninos vestidos de vermelho e branco, todos compenetrados e formando alas para Nossa Senhora passar! Como estava sério e comovido o Padre Wagner ao celebrar o Santo Sacrifício, solenemente em latim ... E o coro! Meu Deus, como aquele coro cantava bem! Reforçadas e enriquecidas pela colaboração dos "Quatro Pês", com que alegria subiam e se entrecruzavam, em hinos de louvor à Rainha dos Céus! E quando a Rainha foi coroada no alto de Seu Trono, com que júbilo aquele coro cantou! Suas vozes eram tão puras como os quatro diamantes que formavam a cruz da coroa e que faziam cintilar ... e os meninos admirados, cochichavam: "como são belos os diamantes oferecidos pelos "Quatro Pês":

Mas isso são histórias de meninos ... na verdade não havia diamante algum. Eu sei porque estava perto e vi que esses diamantes eram apenas lágrimas que "Os Quatro Pês" derramaram sobre a coroa pouco antes da coroação, quando chegou a vez deles de a oscular. As lágrimas se prenderam à armação da cruz e deram a impressão de pedras ... foi só isso e nada mais ...

Mas é curioso ... outro dia depois de tantos anos, eu fui visitar aquela imagem, e tive a impressão que os "diamantes" ainda estavam lá... será que a Senhora, em Sua Bondade, não solidificou aquelas lágrimas como recompensa pelo arrependimento dos meninos, e agora as mantém assim sólidas e brilhantes, como um sinal de que eles continuam sendo bons? Pode ser ... porque depois daquele dia, "Os Quatro Pês" procuraram se manter sempre fiéis. Disso eu tenho certeza, tão certo quanto meu nome é Paulo. Paulo Petrowski, a seu inteiro dispor.

"Senhora, eu quero! Sei que eles não merecem, Senhora, mas eu quero essas almas, que custaram o sangue de Vosso Filho e a torrente de Vossas Lágrimas! Eis-me aqui Senhora! Descarregai sobre mim o castigo que eles merecem, mas dai-me todas as pedras de Vossa Coroa! Dai-me aquelas almas, Senhora! Eu as quero para Vós!"

E assim, pela noite adentro, o Padre Wagner prosseguia a sua oração. Já os primeiros raios de sol se coavam pelos vidros da janela, e ele ainda prosseguiria, se as insistentes batidas na porta não o obrigassem a parar para vestir a batina e atender. E ao abrir a porta o Padre Wagner viu quatro rostos confusos e enegrecidos de pó com sulcos mais claros onde as lágrimas corriam e se esforçavam para ter coragem de o olhar. Era Prisco que segurava a coroa, mas foi Petrowski, soluçando, que falou:



* Disciplina - instrumento de sacrifícios, constando de uma corda de várias pontas, também de corda.

8 "SE QUIERMOS FAZER PROSPERAR OS NOSSOS INTERESSES ESPIRITUAIS E MATERIAIS, PROCUREMOS ANTES DE TUDO FAZER PROSPERAR OS INTERESSES DE DEUS" (São João Bosco)

Um Vencedor no Oriente



Em 1946 o Cardeal Luiz Stepinac foi condenado injustamente pelo governo comunista da Iugoslávia a 16 anos de prisão.

Ao chegar à prisão de Lepoglava ocorreu uma cena maravilhosa que aqui nos é narrada por um prisioneiro que lá estava e que conseguiu fazer chegar sua carta a um amigo.

"Mas agora devo contar-lhe a causa da minha conversão. Certo dia do mês de outubro de 1946, no final da manhã havia um nervoso vai-vém, gritos de comando, vozerio, assobios de atenção etc. Colocaram-nos em fila dupla ao longo do caminho central numa fúria de pauladas e blasfêmias. Depois cada um recebeu um projétil em mãos: Ovo, batata, tomate, todas as coisas estragadas. Em seguida o comandante de Lepoglava dirigiu-nos a palavra nestes termos: hoje trarão para cá o grande inimigo do povo e do Estado. Cada um de vocês recebeu um projétil para jogar nele. Quem de vocês atirar

e feri-lo de cheio será libertado imediatamente; quem o atacar menos terá apenas reduzida a metade da pena, e quem não atirar nada será punido severamente.

Nós trocamos olhares cheios de interrogação, pois era proibido falar.

Quem poderia ser este criminoso, inimigo do Estado e do povo? Estávamos aí de pé esperando, cerca de meia hora quando se abriu o grande portão de entrada e apareceu a figura simples, mas nobre e imponente, do arcebispo Zagreb, D. Luís Stepinac. Entre nós levantou um murmúrio consternado:

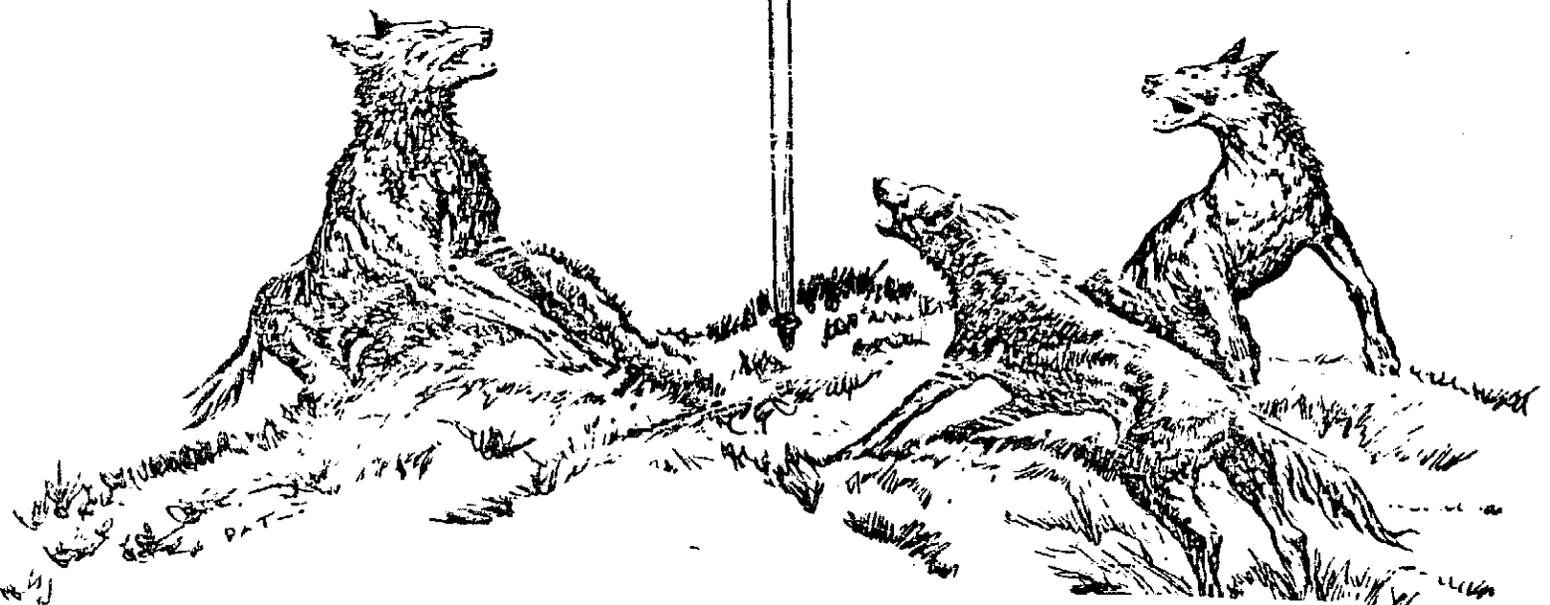
"Meu Deus! mas é Sua Excelência, o nosso arcebispo!" E os camponeses balbuciavam: "Nás mili Loysek! (o nosso amado Loysek).

Ele deu alguns passos, lançou sobre nós um olhar muito triste e com calma nos saudou: "Sejam louvados Jesus e Maria!"

O que aconteceu naquele momento? Nenhuma mão se levantou. Os projéteis caíram por terra e nós todos nos pusemos de joelhos. E não são nós, mas até alguns guardas. O Arcebispo seguido pelos oficiais de polícia avançou com passo firme abençoando paternalmente e olhando-nos com aqueles seus olhos tristes mas cheios de amor e ternura.

Esse olhar penetrou até o fundo de nossas almas. Havia entre nós católicos, ... ateus e desgraçadamente também aqueles em cujas almas a religião fora extinta e renegada. Eu era desse número. Tornara-me inimigo da Igreja, até, seu acérrimo perseguidor. Mas este acontecimento me impressionou tão fortemente que pensei serem a Religião e a Igreja Católica as únicas a formar homens desta têmpera!

Assim que a porta se fechou atrás do Arcebispo, o porrete desceu mais forte que nunca marcando com sulcos as nossas costas e as blasfêmias mais horríveis ecoaram na prisão; pontapés fizeram-nos voltar às nossas celas. A comida já tão insuficiente tornou-se mais escassa ainda. Assim, por quase seis meses não pudemos receber nem pacotes, nem visitas de nossos parentes. Mas tudo isto suportamos facilmente pensando que entre nós estava o nosso grande pastor que partilhava conosco das mesmas penas. Na minha alma esboçou-se de novo a luz da fé; fiz as pazes com a Santa Igreja e agora sou seu filho fiel. Deo Gratias!"



EM POUCAS ÉPOCAS COMO NA NOSSA SE FIZERAM NECESSÁRIOS BISPOS QUE A EXEMPLO DO GRANDE CARDEAL STEPINAC COMBATAM OS INIMIGOS DA SANTA IGREJA. ESTE GRANDE PRELADO COMBATEU O COMUNISMO E POR ISSO FOI PERSEGUIDO. PEÇAMOS A NOSSA SENHORA QUE NOS DÊ SANTOS BISPOS QUE SEJAM PARA O POVO CRISTÃO, MODELOS DE FÉ, COMBATIVIDADE E AMOR A DEUS.

10 "E EU DIGO-TE QUE TU ÉS PEDRO, E SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA, E AS PORTAS DO INFERNO NÃO PREVALECERÃO CONTRA ELA" (NOSSO SENHOR JESUS CRISTO *in Mt 16, 18*)

Maravilhas do Santo Rosário

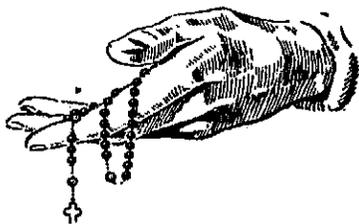


A recompensa àqueles que por seu exemplo atraem outros à devoção do santo rosário é enorme.

O Rei Afonso, de Leão e Galícia, desejando que todos os criados louvassem a Santíssima Virgem Maria com esta devoção, usava ostensivamente o Rosário, porém, ele mesmo não rezava. No entanto, todos os súditos rezavam.

Caindo em grave enfermidade e quando todos o queriam morto, foi transportado em espírito ao terrível tribunal de Cristo. Viu ali todos os demônios que o acusavam de seus crimes e pecados. Quando já pensava estar condenado apareceu a Santíssima Virgem Maria em seu favor. Trouxeram então uma balança onde de um lado foi colocado todo o peso de seus pecados, no entanto Nossa Senhora colocou no outro lado o enorme Rosário que carregava na cintura, mais os das outras pessoas que rezavam por exemplo dele. Juntos, os Rosários pesavam bem mais do que os pecados. Nossa Senhora voltando, disse-lhe então: "Obtive isto de Meu Bom Filho, como recompensa pelo pequeno serviço que fizeste, carregando na cintura o Rosário, a tua vida será por alguns anos prolongada. Empregue-os bem e faça penitências". O Rei voltando a si, disse: "Oh! Bendito o Rosário que me livrou das penas eternas."

Depois passou o resto da vida com grande devoção ao Rosário, o qual rezou todos os dias.

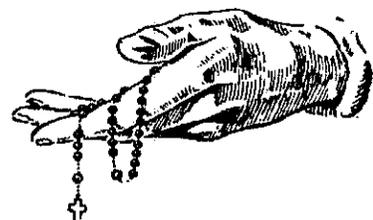


D. Pero, primo de São Domingos, levava uma vida muito devassa. Sabendo que muitos ouviam os sermões de seu Santo primo, resolveu ouvir-lhe também. São Domingos ao ver-lhe, durante o sermão, empenhou-se para fazer ver ao primo o estado lamentável que este se encontrava. Empedernido no pecado não se converteu.

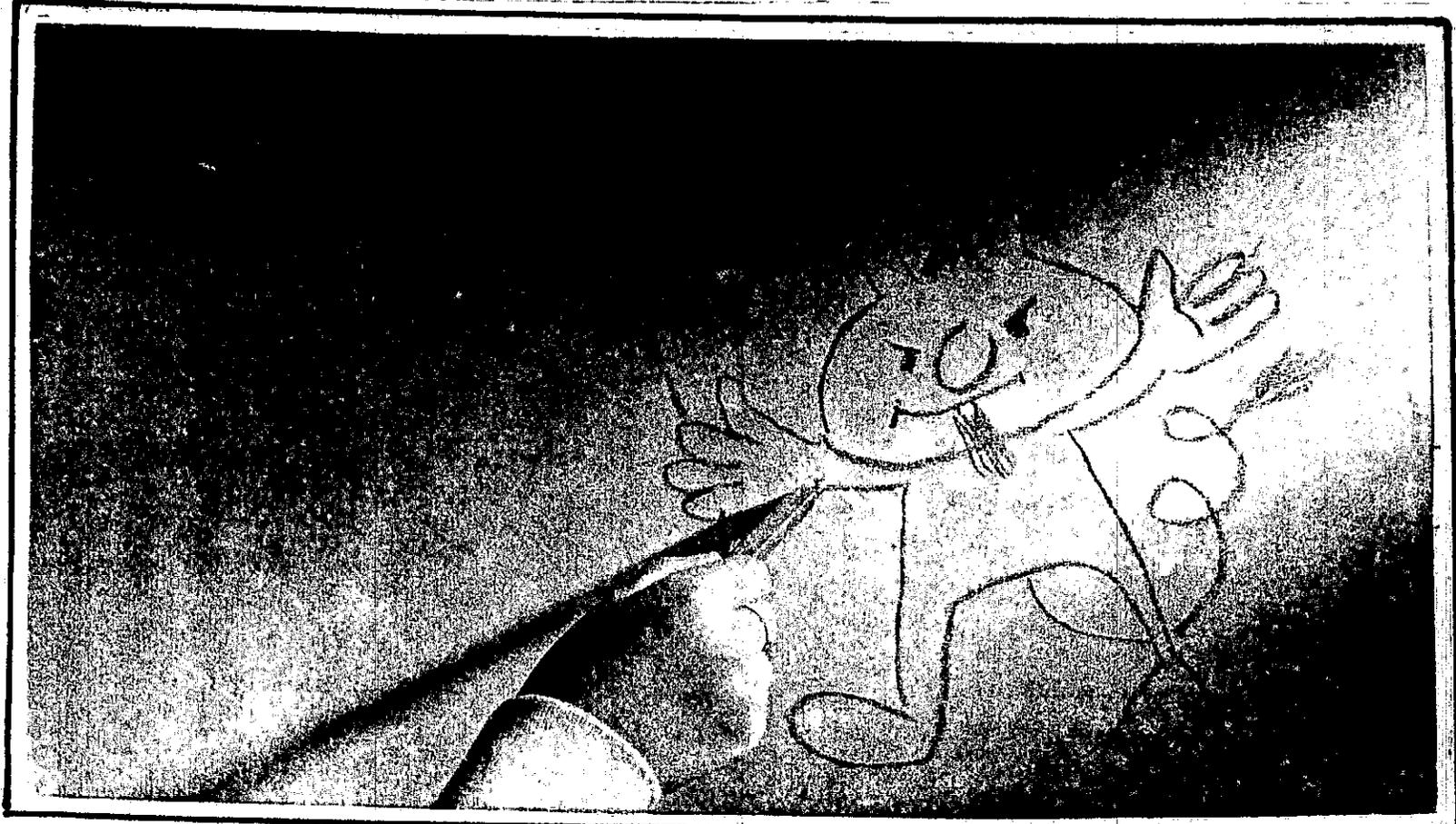
No dia seguinte, São Domingos vendo-o entrar novamente, para tocar seu coração endurecido, resolveu fazer algo de extraordinário. "Senhor Jesus, fazei ver a todos desta igreja o estado em que se encontra este homem que acaba de entrar", gritou em alta voz. Os fiéis voltando-se a D. Pero, viram-no rodeado de uma multidão de demônios em formas de animais horríveis que o prendiam a correntes de ferro. Horrorizados tentaram fugir, mas impedidos por São Domingos permaneceram na Igreja. "Conhece desgraçado, o deplorável estado em que vós encontrais; ajoelhai aos pés da Santíssima Virgem, tomai este Rosário e reze-o com arrependimento e devoção e mude de vida".

Ele se pôs de joelhos, rezou o Rosário e sentiu o desejo de confessar-se, e o fez. O Santo instou-o a rezar o Rosário todos os dias.

Na saída, da cara assustadora com que antes entrara, nem resquícios havia, pelo contrário, brilhava como a de um anjo. E assim morreu.



"REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS"
(Nossa Senhora em Fátima)



DEMONIO EXISTE?

— “NÃO EU NÃO EXISTO!”

"Se existe algo de mais velho, sem graça e tolo, é acreditar em demônios. Digo que, é impossível alguém que tenha um pouco de 'cultura' acreditar em 'monstrinhos' avermelhados, gritadores, com chifres pontudos, que em alguns tempos remotos precisavam ser expulsos de corpos de alguns loucos em algumas épocas."

"E tem mais, digo isso com toda a autoridade que tenho, pois sou um dem... quer dizer alguém que tem toda a sabedoria de um anjo que até já liderou uma grande revolução, que infelizmente nos atirou no inf... opa! num lugar que até hoje permanecemos.

Num lugar do qual nunca sairemos, e que só possui a porta de entrada para quem quiser compartilhar de nossa 'agradável' companhia.

Imagine só, como escandalizaria se toda a culpa dessas podridõeszinhas que aparecem aqui e acolá fossem atribuídas a mim, que não existo! Com certeza a nossa legião vermelha ficaria muito

impopular, e com certeza menos convidados teríamos em nosso lar.

Sorte nossa! A grande maioria de vocês não pensam assim.

Mas como vocês são cretinos eu é que não vou dizer que eu existo. E o bom de tudo isso, é que aqueles que deveriam estar falando e mostrando quem eu sou, hoje em dia são meus grandes aliados.

O meu conceito está tão elevado que já até possuo um 'fã clube' chamado por aí de 'roqueiros'. E o que me espanta é que tem muitos católicos que admiram e propaguem através do rock as minhas idéias.

Bem! vou me despedindo pois tenho muito zelo em meu trabalho.

Voces sabem que eu não tenho a fama de dar bons conselhos. Isso é mentira, pois aí vai o meu: Deixem de ler esse jornalzinho pois ele é muito chato e afinal de contas eu não existo e então para que se preocupar...

BEM AVENTURADO

PADRE PRÓ



Pe. Miguel Pró, S.J., no dia da sua ordenação sacerdotal na Bélgica, em 1925.

Pedro levanta-se de sobressalto. Por uns momentos tenta descobrir o ruído que o despertou. Novamente ouve o tac, tac, seguido pelo estalido de algumas pedrinhas de encontro à janela que dava para a rua.

"Sim, sim, já vou!" diz Pedro, correndo apressadamente à janela. E abrindo-a repete à meia voz: "Sim, José. Já vou!"

"Apura! Está na hora!" retoma em voz sussurrada a resposta.

Pouco depois dois rapazes de cabelos negros atravessam com passos apressados as ruas ainda escuras da cidade do México.

"O Pe. Pró está outra vez aqui!" diz José baixinho. "Vai rezar a Santa Missa em casa de Umberto Barriba".

"Mas isto é bem à frente do Posto da polícia secreta!" gagueja Pedro meio assustado.

"Hi! Estás com medo?"

"Qual nada! Nem sombra de medo!" assegura Pedro ofendido. "Mas eu sentiria demais, se um dia prendessem o padre!"

"Não tenha medo, este os secretas não pegam!" ri-se satisfeito o outro. "Não ouviste, como, faz pouco, alguns secretas já estavam no seu encaixo? O padre o reparou imediatamente. Então passou para o lado esquerdo da rua, eles também passaram e quando o padre atravessou novamente a rua, eles fizeram o mesmo. E quantas esquinas dobrassem, os perseguidores lhe ficavam nos calcanhares".

"Sim, e depois?"

"O padre pulou num táxi, os malandros pularam noutro. Começou então uma caçada louca por toda a cidade, até que o padre finalmente pulou numa esquina, voltando tranqüilamente a pé, pelo mesmo caminho que o auto tinha percorrido. Enquanto o automóvel sem o Pe. Pró continuou a ser perseguido pelos secretas".

"Caramba, essa eu teria gostado de ver!" exclama Pedro entusiasmado. Os dois estão tão absorvidos em sua conversa, que não percebem que alguém os segue. Subitamente dois punhos fortes agarram os garotos pelo cangote. Gelados de susto, voltam-se e na luz de uma lâmpada da rua contemplam admirados um homem vestindo casaco cinzento claro, muito surrado e com um crisântemo branco na lapela.

"Edificante a conversa em que estão envolvidos, heim?" grunhe o personagem. "Se continuarem a gritar assim, os ratos brancos em breve os terão nas garras! Não esqueçam que a escuridão tem muitos ouvidos. Mas parece-me que estamos no mesmo caminho".

"Padre Pró!" gagueja José, reconhecendo o desconhecido.

"Não devem pronunciar o nome!" intervém o sacerdote. "Eu me chamo 'el Barretero', o mineiro. Compreenderam?"

Os dois fazem que sim e prometem ser mais cautelosos no futuro.

"Mas 'barretero', donde é que vem?" pergunta Pedro.

"Parece bem judiado".

"Não é de admirar!" ri-se o padre jesuíta. Depois acrescenta em voz baixa: "Os camaradas me tinham apanhado e fechado na cadeia com alguns outros católicos. Passamos toda a noite no pátio da prisão. A cama de cimento tinha o tamanho necessário e os muros altos da cadeia eram travesseiros enormes.

Pudemos cobrir-nos com as estrelas. De manhã os camaradas tiveram a gentileza de nos acordar com a mangueira dos bombeiros. Depois nos largaram porque não tinham idéia do peixe graúdo que tinham apanhado. Do contrário, eu teria podido contar por mais algum tempo com a sua hospitalidade. Vocês sabem que premiaram a minha cabeça com alguns milhares de pesos?"

"Mas então não prefere desaparecer daqui do México, senhor "barretero"?" intervém Pedro preocupado. Mas o padre sacode decididamente a cabeça.

"Não, fico aqui até o extremo. Um dia vão me pegar e então espero enfrentar também o fim sanguinolento sem medo".

"Por que propriamente Calles é tão furioso contra os padres?" pergunta José com voz abafada.

"Bem. Ele e Deus é que o sabem!" respondeu o padre. "O senhor presidente quer imitar em tudo o seu modelo bolchevista".

"E o maior crime é a Santa Missa" interpõe Pedro com amargura.

"Sim, é isto mesmo! Eles sabem muito bem que ela é a fonte de toda a resistência. Na mesa do Senhor, por mais pobre que seja, buscaremos sempre de novo a força para persistir e não desanimar. Mas agora vamos parar com a nossa conversa, para lembrar-nos de que logo a seguir tornaremos a festejar o santo sacrifício, hoje no último domingo de outubro, a festa de Cristo Rei. Vocês me vão ajudar a Missa?"

"Naturalmente, se nos deixai!" concordam alegremente os rapazes.

"Como vocês dois tiveram a notícia?"

"Afonso me acordou e eu chamei o Pedro".

"Bravo. Mas olhem, lá no outro lado perto da lanterna está um policial. Certamente ele nos terá por suspeitos".

"Vamos dar o fora e dobrar para a travessa?"

"Não, não. Justamente então é que ele desconfiará. Devemos fazer como se não houvesse nada e fazer com que não repare em nada. Vocês são meus filhos e a mãe vos mandou para tirar-me da bodega, compreenderam?"

"Sim" concordam os rapazes um tanto encolhidos. Pe. Miguel começa a andar vacilante e a falar atrapalhado como um bêbado.

"Mas isto lhe digo, José, se sua mãe vos mandar outra vez a este botequim desolado para me buscar, vão sair lascas, compreenderam?"

"Mas a mamãe está doente e se preocupa por causa de ti, papai!" lamenta José em voz alta.



Outra foto do Pe. Pró, tirada pouco antes da sua prisão a 23.11.27.

"Por mim ninguém precisa se preocupar e nem mesmo importar-se comigo, não é verdade, seu delegado de polícia? Ninguém tem de se preocupar comigo. Ninguém. Para que temos a nossa polícia, não é mesmo?"

"Nós temos outra coisa a fazer do que perder tempo com bêbados", zomba o policial. "Os malditos católicos estão outra vez se comportando de modo desavergonhado. Tenho ordem de atender de modo especial aos camaradas que andam aí pela noite".

"Atendam a todos que passam!" ri-se à socapa o bêbado. "Mate a todos com os seus olhares! Hi, hi, hi!"

"Vá para casa com seus moleques, seu sem-vergonha!" rosna o policial. "Senão ainda tenho que trancafiar-te no buque".

"Está bem, senhor policial. A primeira obrigação do cidadão é zelar pela or-

dem pública! Está bem!"; tartamudeia Miguel Pró. "E tudo o que o nosso muito amado presidente Calles proíbe tem que ser respeitado. Vamos seus moleques!"

Cambaleando continua a caminhar com os rapazes. "E a velha não tem nada que estar doente. Que se levante, que se levante logo para fazer tortilhas (bolinhos de milho) para mim. Quero tortilhas, compreendido?"

"Puxa! Este está na chuva mesmo!" ri-se o policial, acompanhando os três com o olhar. "Bem, estes três certamente não irão à Missa, ha, ha, ha!"

Vocês portaram-se maravilhosamente e fizeram muito bem o seu papell"; louva-os o padre, ao dobrarem a esquina próxima, deixando os rapazes tomados de orgulho.

"Nunca teria pensado que pudesse, um dia, ser tão perigoso ir à Missa no domingo", observa Pedro pensativo.

"Sim, e apesar disto tu vais?" pergunta o padre.

"Ora, domingo sem Missa não é domingo, e ademais precisamos dela de modo todo especial agora!"

"Sim, tens razão!", completa o padre seriamente.

Quando entraram na casa de Umberto Barriba, onde se lhes abriu a porta depois de um sinal secreto, encontraram reunida uma estranha multidão de fiéis. Motoristas, sapateiros e alfaiates ao lado de alguns altos funcionários do governo, donas de casas, jovens, moças e crianças. Todos voltaram-se reverente-



No meio das perseguições à Igreja, o Pe. Miguel Pró continuava a exercer o seu sacerdócio, disfarçado em operário.

mente para o padre que entrava. Na simples mesa de um quarto sobre a qual ardia uma única vela, Pe. Pró celebrou logo a seguir a Santa Missa. Celebrou-a, vestindo a sua roupa manchada de trabalho, usando um copo em lugar do cálice dourado. Contudo, é provável que nem na mais bela das catedrais se teria encontrado tal devoção como naquela pobreza mais extrema.



Pe. Miguel Pró ajoelha-se para uma última oração, antes do seu fuzilamento. Depois, estendendo os braços em cruz, exclama: "Viva Cristo Rei!" e tomba em seu próprio sangue...

"QUE CONSOLAÇÃO RECEBEM AGORA OS CONDENADOS, DOS DELEITES QUE GOZARAM NESTE MUNDO, COM OS QUAIS COMPRARAM O INFERNO?" (Santo Antonio Maria de Claret)

José e Pedro faziam de coroinhas como se fossem ministrantes numa igreja verdadeira.

Quase todos os fiéis comungaram; com eles também os dois ajudantes de Missa. Os rapazes sentiam como aquele a quem recebiam também em seu coração levava força e alegria, e já não pensavam no grande perigo a que se expunham, tomando parte na santa celebração.

Depois do Santo Sacrifício, Miguel Pró fez uma exortação aos reunidos. Falou-lhes somente à meia voz, para que nenhuma sílaba chegasse até a rua. Suas palavras ardiavam e inflamavam o coração dos circunstantes que o escutavam como que presos a seus lábios. De repente, entrou uma criada toda transida de medo e balbuciou: "A Polícia... a polícia está diante da porta!"

"Pois faça-os entrar", respondeu o padre. "Ou espere! Eu mesmo lhes vou abrir. Depressa, saiam todos pela porta dos fundos!"

Os fiéis seguiram apressadamente o conselho do sacerdote. Este enfiou o livrinho de Missa no bolso, acendeu um cigarro e abriu a porta da casa.

"Há um padre nesta casa!", interpelou um dos policiais ameaçadoramente. "Recebemos um telefonema".

"Um padre? Mas não diga tolices!" ri-se o Pe. Pró. "Eu lhe juro que na minha casa não há padre". Podia dizê-lo tranquilamente e sem mentir, pois a casa em que se achava não era a sua.

"Por que então deixa a luz acesa no meio da noite?"

"Ora, meu senhor, será que até isto está proibido?"

"Já vamos descobrir este padre. Soldados, vasculhem toda a casa!"

"Com todo o prazer!" O padre assustou-se ao ver que os dois garotos ainda estavam na sala. Terniam pelo Pe. Miguel e queriam ver como terminaria a aventura, sem pensarem que a sua presença seria muito suspeita.

"São seus estes guris?" inquire um dos policiais. "E por que ainda não estão na cama? Você aí, por que ainda está acordado?" o policial dirige-se a José.

"Tive muita dor de dente!" responde o rapaz sem se assustar e sem mentir, pois há 6 semanas tivera de fato dor de dente. "Aí não pude dormir". Com isto José faz um rosto tão dolorido que os policiais acabaram crendo realmente.

"E tu?" intimam a Pedro.

"Pois ele me acordou!" queixa-se o garoto, o que também era verdade.

"É, mas esta história me parece suspeita!" grunhe o policial, e começa a re-

vistar minuciosamente todos os quartos, sem, contudo, descobrir qualquer vestígio de padre.

"Com certeza lhes pregaram um trote com esse tal telefonema!" diz-lhes o padre meneando levemente a cabeça, depois de terminarem a sua inspeção.

"Pois agradeça a Deus, que não encontramos um padreco aqui, senão marcharia conosco para a cadeia".

"Mas delixe de piadas!" ri-se o padre. "Nem em sonhos penso em deixar um padre ficar por aqui. O que o presidente proibiu é lei a ser observada!"

"É isto que esperamos. Então, boa noite!" resmungou o policial, desolado por terem caído num trote, e deixou apressadamente a casa.

"Vocês se comportaram fabulosamente!" falou o padre aos rapazes, quando estava a sós. "Mas vocês deviam ter desaparecido pela porta dos fundos, como o fizeram os outros".

"Sim. Mas é que não pensávamos que a nossa presença haveria de causar dificuldades!" disse José meio intimidado. "Por sorte, me lembrei da dor de dente".

"Ainda bem que essa gente é bastante obtusa, pois do contrário certamente teriam reparado o logro".

"E se o senhor tivesse sido preso, nós o teríamos acompanhado!" assegurou Pedro, olhando firmemente para o padre. "Nosso Senhor nos deu forças".

Poucos meses depois, Miguel Pró foi de fato aprisionado, processado, condenado à morte e, em companhia de muitos outros confessores da fé, foi fuzilado.

Os rapazes, por sua parte, resolveram imitar a vida deste mártir moderno na fidelidade e vivência corajosa da fé.



Pe. Miguel Pró, S.J., o mártir da fé, recebendo o tiro da misericórdia.

POR QUE FICARAM COM DOM BOSCO?

*Conquistados pelo amor de Dom Bosco,
muitos jovens ingressaram na sua família religiosa.
Alguns exemplos.*



Francisco Piccollo era aluno da segunda série do Oratório de Dom Bosco, em Turim. Na hora do recreio, recebeu a visita de sua mãe, que, chorando, desabafou:

— O ecônomo me disse que se eu não puder pagar sua pensão, vai mandar você para casa.

Depois, inconsolada, a boa mulher foi falar com Dom Bosco, e ouviu:

— Diga a seu filho que se o ecônomo o mandar sair pela portaria, entre pela igreja e venha procurar-me. Eu nunca o mandarei embora.

Dom Bosco deu ao menino um recibo quitando toda a conta do ano. Francisco ficou comovido, pois sabia quanto sofrimento aquele padre tão bom teria que enfrentar para sustentar seus meninos: longas caminhadas, respostas bruscas, negativas humilhantes.

Três anos depois, já na quinta série, Francisco chamou Dom Bosco à parte e segredou-lhe ao ouvido:

— Quero dar-lhe um presente. Acho que vai gostar. Aceite-me, para ficar com o senhor.

— Obrigado, não podia dar-me um presente mais agradável. Aceito, não para mim, mas para oferecer você inteiramente a Nosso Senhor e a Nossa Senhora.

Francisco Piccollo foi um grande salesiano. Viveu até 08-12-1930.

José Buzzetti, salesiano coadjutor, ajudou a construir o Oratório de Dom Bosco. Pau para toda obra, foi sacristão, administrador, mestre de canto e de banda. Mas, um dia, entrou em crise e resolveu deixar a Congregação.



— Dom Bosco, vou-me embora. Veja esses padrezinhos que agora estão mandando. Fui eu que os criei desde meninos. Ensinei-lhes a servir-se da colher e a

assoar o nariz. Agora, sou a última roda do carro... Meu irmão já me arranhou um emprego.

— O emprego é bom? — interessou-se Dom Bosco —. Então você vai precisar de dinheiro para as primeiras despesas. Abra as gavetas da mesa. Você as conhece. Pegue tudo o que acha que vai precisar. Se não bastar, arranharei mais. Não quero que você sofra privações por minha causa. Sempre nos quisemos bem. Espero que você nunca se esqueça de mim.

Comovido, Buzzetti abriu o coração:

— Não, não quero deixar Dom Bosco. Ficarei sempre ao seu lado!

Ele continuou humilde, trabalhador, disponível, sempre atuante, sobretudo nos momentos mais difíceis e delicados. Faleceu em 14-07-1891, aos 59 anos.

No verão de 1877, um moço da roça, já com 17 anos, procurou Dom Bosco para confessar-se.

— Queria ser padre e depois voltar para minha terra.

— Não gostaria de ficar com Dom Bosco?

— Não.

— Mas se Nosso Senhor desse um sinal de que o quer comigo, você ficava?

— Nesse caso obedeceria a Deus.

— Pois bem, sua confissão vai ser assim: eu vou dizer todos os seus pecados. No fim, você dirá apenas sim ou não.



Lembra Miguel Unia:

— Dom Bosco me contou tintim por tintim toda a minha vida, com tamanha precisão que até perdi a respiração.

— Mas, como é que o senhor fez para me conhecer tão bem?

— Eu sempre conheci você. Quer uma prova? Uma vez, quando você tinha 12 anos, estava na igreja ao lado do seu primo, que dormia de boca aberta. Então, você enfiou-lhe boca adentro uma ameixa bem grande. Sentindo-se sufocar, o pobrezinho pulou de pé e, gritando, pôs-se a correr como um doido de um lado para outro. Todos se assustaram. A missa parou. Você ria a bandeiras despregadas. Mas o pároco deu-lhe quatro solenes bofetões...

Miguel viu nessas palavras o sinal de que Deus o queria mesmo com Dom Bosco. Foi o primeiro missionário salesiano a trabalhar entre os leprosos. Consumiu a vida entre os doentes de Agua de Dios, Colômbia. Morreu aos 45 anos.

Francisco Dalmazzo queria ficar com Dom Bosco, mas um dia...

— Dom Bosco, não estou agüentando. Gosto da vida aqui, mas a comida é muito pobre. Estou sempre com dor de estômago.

— Escreva à sua mãe que venha buscá-lo. Mas quando estiver melhor, experimente voltar. Vamos ser sempre amigos.

Antes de partir, Francisco quis confessar-se ainda uma vez com Dom Bosco. A mãe já o aguardava do lado de fora. Durante a confissão, chega o encarregado do pão para os meninos.

— Não há mais pão para os meninos, Dom Bosco. O padeiro

não quer fornecer porque ainda não pagamos o que devemos.

— Recolham todos os pães que houver e deixem-me confessar. Eu mesmo irei distribuir.

Terminada a confissão, Francisco, que já ouvira falar dos milagres de Dom Bosco, colocou-se curioso ao lado da porta, perto do cesto em que havia mais ou menos uns vinte pães. A mãe o chamou, mas o menino pediu-lhe que aguardasse um pouco mais. Mais tarde, ele próprio testemunha:



— Dom Bosco veio. Diante dele desfilaram os 400 colegas, e todos receberam de suas mãos um pão e uma palavra amiga. Eu não tirava os olhos daquele cesto que não se esvaziava...

A mãe voltou sozinha para casa, e Francisco ficou com Dom Bosco.

No verão de 1862, Dom Bosco promoveu uma excursão com seus meninos, percorrendo a região chamada Monferrato. Estava agora em Montemagno.

Um menino de 12 anos, que estava brincando com outros colegas, correu à praça e conquistou à custa de cotoveladas um lugar na primeira fila do povo que se juntara para ouvir a banda do Oratório.

Dom Bosco viu aquele menino, olhar curioso, cabelos vermelhos. Quando a banda terminou uma peça, perguntou-lhe:

— Quem é você?

— Luís Lasagna.

— Posso falar com seu pai?

— Papai morreu há três anos. Só tenho mamãe.

— Sinto muito. Quer vir comigo para Turim?

— Para fazer o quê?

— Estudar, como todos estes meninos. Diga a mamãe que venha falar comigo amanhã.

Dia seguinte chega Luís, mais a mãe, o pároco e outros três meninos.

— Este de cabelos vermelhos vai comigo. E vai fazer bonito.

No Oratório, pareceu, a princípio, que não seria assim. Luís, muito fogoso, discutia com todo o mundo, na aula mantinha-se distante, à noite chorava de saudades. Um dia... fugiu.

Dom Bosco não se alarmou:

— Coitadinho, queria ver sua mãezinha. Voltará.

Luís voltou, de fato, acompanhado de sua mãe. Seu professor, porém, não queria recebê-lo na aula.

— Aceite-o — insistiu Dom Bosco —. É um menino de coração de ouro e força de vontade. Dou-lhe minha garantia.



Luís Lasagna será um dos grandes missionários salesianos. O Papa Leão XIII o fez bispo. Foi o fundador da obra Salesiana no Brasil. O que não teria feito em nossa terra, se Nosso Senhor não o tivesse chamado para junto de si naquele trágico 5 de novembro de 1895.

Extraído do "Boletim Salesiano"

Chamado a Santidade

Hã pessoas que pensam que os santos foram pessoas não humanas; não seriam eles - como dizem tais pessoas - de carne e ossos como nós, mas seres que nada tem em comum com os outros homens.

Quem assim pensa está redondamente enganado; os santos foram os seres humanos mais perfeitos e mais dignos e merecedores do apelativo humano.

Na verdade todos - e você também caro leitor, estimada leitora - somos chamados à santidade, à vida perfeita.

Nosso Senhor já o disse: "sê de perfeitos como o Vosso Pai Celestial é perfeito", ou seja Ele nos manda ser santos.

E se isso formos seremos as pessoas mais realizadas e felizes. Teremos a serenidade de vida, a tranquilidade de consciência, uma morte confortada pela Fé e uma eternidade bem aventurada.

Que mais podemos desejar?

Tantas pessoas hoje vivem insatisfeitas. Nunca como hoje se buscou o auxílio de psiquiatras e psicanalistas para se tentar vencer a angústia existencial. Os jovens se drogam, buscando nos tóxicos a fuga para o seu vazio frustrante. Se os homens buscassem ser santos, temos certeza que não estariam nessa situação mas teriam a alma repleta de alegrias e o coração confortado de luzes sobrenaturais.

Alguém dirá que isso é balela nossa. Que a santidade é um ideal irrealizável e que os santos foram pessoas frustradas.

Não é preciso argumentar muito contra estes. Basta olhar para as fotos dos santos que apresentamos ao lado. Você conhece alguém com a bondade que o rosto de Dom Bosco demonstra? Ou com a pureza de Santa Bernardete? Ou com o brilho no olhar de Madre Cabrini? Ou com a serenidade de São Maximiliano Kolbe? Ou ainda com a busca de infinito de Santa Terezinha?

Tudo isto está ao seu alcance. Seja santo. Se achar difícil peça a Nossa Senhora, Rainha de Todos os Santos e Ela fará de você um grande santo que cumprirá integral e perfeitamente com a Vontade de Deus.



São João Bosco



São Maximiliano Maria Kolbe



Santa Terezinha do Menino Jesus



Santa Francisca Xavier Cabrini



Santa Bernardette de Soubirous

"HONRAR OS SANTOS SEM OS IMITAR, É LISONGEÁ-LOS DE MODO MENTIROSO"
(Santo Agostinho)

Santa Rosa de Lima, padroeira da América

No último dia 23 comemorou-se a festa de Santa Rosa de Lima, patrona principal da América. Como na mesma semana, ocorreram também duas festas da Santíssima Virgem, não podemos dedicar à Virgem Imenha um artigo, o que faremos hoje.

"LIMA DE LOS REYES"

A cidade de "Lima de los Reyes" — assim chamada em honra do mistério da Epifânia — foi fundada pelo intrépido fidalgo espanhol Francisco Pizarro, Cavaleiro de Santiago. Essa cidade — fruto do valor e da fé dos conquistadores espanhóis — desenvolveu-se a tal ponto que, em pouco tempo, transformou-se na capital do Vice-Reinado do Peru, tornando-se o berço de muitos santos e homens ilustres no pensamento e na ação.

Ascenderam à glória dos altares dois espanhóis que desenvolveram grande parte de sua ação apostólica no Peru: São Toribio de Mogrovejo, Arcebispo de Lima e o extraordinário missionário franciscano São Francisco Solano. E como santos nascidos naquele país, podemos citar o humilde São Martinho de Lima — "el Santo criollo" — cuja vida deveremos apresentar oportunamente, a pedido de leitores, e São João Maclas.

Poderíamos ainda mencionar muitos outros, pois só nos primeiros séculos da colonização no Peru, encontramos mais de cem processos canônicos em andamento, de limenhas que morreram em odor de santidade. Foi no ambiente dessa cidade que deveria viver aquela que seria a mais insigne de suas filhas.

"ROSA DE SANTA MARIA"
O fidalgo espanhol Gaspar de Flores pertencia à Companhia dos Arcabuzeiros do Vice-Rei do Peru. Num jardim de sua propriedade florescera, em 1551, a primeira rosa do Vice-Reino, oferecida à "Virgem de la Antigua", na Catedral de Lima. Trinta e cinco anos mais tarde, em 1586, também em seu lar, desabrochou outra "rosa", que seria a primeira santa das Américas.

Recebeu Rosa no batismo o nome de Isabel Flores de Oliva. Mas, quando ainda no berço, algumas pessoas ao verem seu rosto tão luminoso e delicado, exclamaram: "Ah, que linda menina — parece uma rosa!" Todos julgaram apropriado o novo nome, menos a santa. Mas a Rainha dos Céus — a quem Rosa havia se consagrado como escrava — fez-lhe conhecer que recebia sua alma como uma rosa e a oferecia a Deus, chamando-a de "Rosa de Santa Maria", nome que a Virgem Imenha depois adotou na Ordem Terceira de São Domingos.

INFERNO EM VIDA

Desde cedo, Rosa já revelava possuir uma alma incomum, que prenunciava a grande santa destinada a brilhar na História das Américas. Sua vida foi pontilhada por contínua penitência. Jejuava vários dias da semana a pão e água, nutrido-se, toda a Quaresma, só com ervas amargas cozidas. Dormia apenas duas ou três horas por dia, sobre um leito de cacos de telhas.

Entretanto, o maior sofrimento pedido pela Providência Divina a esta virgem foi o de padecer na alma as penas do inferno, durante



Santa Rosa de Lima, patrona principal da América desde 1670, retratada pelo pintor neapolitano Angelino Medoro.

quinze anos de sua vida. A valorosa santa revelou a seu confessor que tais provações eram mais atroz do que ter o corpo queimado vivo.

Elas eram, entretanto, necessárias para aplacar a Justiça Divina pelos pecados daquele século. E daquele século XVI que, apesar de tudo, produziu tantos santos para a Igreja.

O que não seria necessário sofrer para aplacar a Justiça Divina em nosso século em que proliferou a blasfêmia, o aborto, a eutanásia, o controle da natalidade, a obscenidade e tantas outras formas de neopaganismo moderno? Aparecerão outras Rosas de Lima, na atualidade, para impedir que o castigo predito em Fátima —

caso os homens não rezassem e fizessem penitência — venha a se abater sobre o mundo contemporâneo?

DEFENSORA DE LIMA

Um dia a Santa Rosa recebeu a notícia alarmante de que hereges holandeses sitiavam a cidade. Isso significava profanações, pilhagens de Igrejas e, principalmente, atentados contra a Presença Real. Lima encontrava-se na ocasião, tão desguarnecida que foi necessário até os frades pegarem em armas para defendê-la.

Rosa de Santa Maria tinha, entretanto, uma arma mais poderosa que qualquer outra para combater, que era a súplica de seus lábios virginal e o apelo de sua alma expiatoria. Depois de encorajar seus conterrâneos para que defendessem o Santíssimo Sacramento com a própria vida, entregou-se à oração diante de Deus. Sacramentado, exposto naqueles momentos angustiantes na Igreja de São Domingos.

Depois dos primeiros canhões, os hereges afastaram-se enigmáticamente, deixando livre a cidade.

A GLÓRIA CELESTE

A meia noite do dia 24 de agosto de 1617, Rosa de Santa Maria entregou sua inocente alma a Deus. Uma ilustre dama limenha, amiga da Santa teve um êxtase, que durou quatro horas, diante do corpo de Rosa. Pessoas presentes anotaram as palavras pronunciadas então, que anunciavam a glória da Padroeira do continente americano: "Jesus, ó que glória! Rosa divina não murchareis já que estais plantada nos Jardins do Céu".

AJUDEM



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

PARA FAZÊ-LO, É SÓ DEPOSITAR QUALQUER QUANTIA EM UMA DE NOSSAS CONTAS, ABAIXO. EM QUALQUER AGÊNCIA DESSES BANCOS É POSSÍVEL FAZER O DEPÓSITO. AQUI VÃO OS DADOS:

NO BANCO ITAÚ: CONTA CORRENTE Nº 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO RECREATIVO CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003 - MERCÚRIO - SÃO PAULO - SP

NO BRADESCO: CONTA CORRENTE Nº 24.019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO RECREATIVO CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278 - P - GAZOMETRO - SÃO PAULO - SP